

ENTREVISTA DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO, PRIMEIRA MINISTRA,  
A RTP I, NO DIA 10 DE SETEMBRO DE 1979, CONDUZIDA PELO  
FERNANDA BALSINHA.

....

*pergunta.* Senhora Primeiro Ministro, gostaria de saber se isso acontece, embora, simultaneamente, tenha dado entrevistas a outros órgãos de informações estrangeiras. Há ou não uma questão de defesa da imagem do governo português estrangeiro em detrimento da defesa da imagem em Portugal ?

*Resposta.* Bom, há aqui uma perspectiva muito clara e muito determinada. Em primeiro lugar, interesse-me o contacto com os órgãos de comunicação social para pudermos levar ao conhecimento dos meus compatriotas aquilo que estou a fazer e o modo como estou a fazê-lo. Ora, isso aconteceu por via das próprias circunstâncias com ~~o~~ do debate na Assembleia da República que nos ocupou até à segunda metade do mês de Agosto. E através das reportagens que a televisão fez, os comentários que os jornais fizeram penso que houve uma certa proximidade da actividade do governo em relação à população portuguesa. Entretanto, como se deve recordar, imediatamente antes da minha tomada de posse, eu dei uma conferência de imprensa a todos os órgãos da comunicação social. A minha ideia era tornar frequente este tipo de diálogo porque me parecia que numa abordagem que vinha de vários horizontes era facilmente capaz de se poder dizer aquilo que é essencial na vida portuguesa. Reparei que esta conferência de imprensa teve apenas a duração de vinte e quatro horas enquanto notícia, daí o facto de pensar que valia mais a pena espaçar a comunicação com os órgãos nacionais.

Mas não quero deixar de lhe dizer que tive uma preocupação e tenho uma preocupação clara em relação aos órgãos de comunicação

de outros países e isto porque a minha nomeação provocou ~~muito~~ um grande interesse em países muito diferentes pelo próprio facto de ser mulher e não por nenhuma outra circunstância também pelo facto de nosso país ser um país que é visto com muito interesse em qualquer parte do mundo e a partir daí nós tivemos pedidos de entrevistas que vão desde do Japão até à Argentina passando pelos países mais imediatamente vizinhos. Ora era impossível negar por um lado este tipo de entrevistas e por outro lado julguei muito importante, que, numa época em que há tanta preocupação no estrangeiro sobre a orientação da vida portuguesa, que era bom que a pessoa que estava primeiro indigitada, depois. ~~foi~~ foi nomeada primeiro ministro e está neste momento a exercer estas funções pudesse responder às dúvidas próprias de cada órgão de comunicação social de países que têm conosco laços muito diferentes. Isto significa, portanto, se quiser, uma acção diplomática, no sentido próprio do termo, clara de aumento de credibilidade do nosso país nos círculos mais variados que me abordaram, e isso é uma acção bem definida e bem (de)terminada.

pergunta - a acção que tem ~~foi~~ alguma coisa a ver com a anunciada viagem que gostaria também que me confirmasse se fará ou não às Nações Unidas a propósito da abertura da Assembleia Geral .

Resposta:

Tem, Benso que a minha actividade em termos internacionais, se quiser, daquilo que chama a construção de imagem, mas é mais do que... contribuir para que os outros povos tenham confiança no nosso país, nos seus governantes e no seu povo que têm sempre, esta fase terá o seu ponto mais agudo e mais forte na minha viagem à Nova York para tomar a palavra na Assembleia Geral das Nações Unidas. Devo dizer que, alias, esta actividade de entrevistas não é apenas um cuidar de imagem pública que não está nada no meu fetio mas foi completada com um contacto muito grande com

representantes dos outros países acreditados em Lisboa e neste momento já tive contacto com cerca de vinte ou que, se puser uma hora para cada um, já lhe dará um pouco a ideia da ocupação do meu tempo. Isso significa que em cada um deste contacto tive ocasião de dizer quais são os problemas que nos temos, o que esperamos destes países, o que é aquilo que podemos dar, situando-nos, justamente, naquele ponto de colaboração entre estados soberanos livres que é a ~~essa~~ característica fundamental do diálogo e da cooperação internacionais.

*Pergunta:* Uma das razões que se atribui para o facto de não ter falado aos órgãos de informação portugueses, em entrevistas longas, é de eventualmente se sentir isolada. É verdade que a força inicial com que começou o seu mandato se atenuou. É verdade que está isolada?

## Fundação Cuidar o Futuro

*Resposta:* Bom! Vamos lá pôr as causas nos seus devidos termos.

Formalmente, o meu governo está isolado desde o princípio, pelo próprio facto de ser um governo não partidário e, como viu na Assembleia da República, houve uma atitude diferenciada das várias forças políticas que, se por um lado tiveram preocupação algumas de não inviabilizar o Governo, de deixa-lo fazer o seu caminho, tiveram a preocupação, outras de levantar alguns obstáculos que consideraram como legítimos. Mas, à partida, é um governo que não conta com o apoio deste tipo de forças políticas? §

Não ~~me~~ considero, neste momento, que o meu isolamento seja maior do que à partida. Mais, e isto, para mim, devo dizer que é um aspecto muito importante. Houve dois factos que, durante este período, que mostraram que o isolamento não é tão grande quanto parece § Por um lado, tive ocasião, ainda aqui nesta mesma sala durante a semana passada de cobversar com várias forças sociais :

partidos, forças políticas, sindicatos, cooperativas, confederações, associações industriais e tive ocasião de ver que, afinal, para além das diferenças partidárias legítimas, para além de dúvidas supostas ao meu respeito, existe, na verdade, uma convergência no sentido de desejar que este país encontre um rumo que dê maior prosperidade à todos os portugueses e nesse sentido deve dizer que foram dias de uma extrema utilidade em que não me senti nada isolada.

Um segundo facto que queria referir aqui, e tenho muita pena de não lhe poder dar ainda mais ênfase é a circunstância de muitos portugueses, durante este mês e alguns dias deste V Governo, terem de certa maneira invadido a Presidência do Conselho de Ministros e nomeadamente as secretárias dos meus colaboradores com cartas que são muitas a expor problemas reais e concretos e outras a dizer apenas isso: estamos disponíveis, podemos fazer e colaborar consigo naquilo que a Senhora enteder. Uma coisa, que a voz anónima de gente que vem desde o norte até ao sul do país, que representa todas as classes sociais, isto tem para mim uma força enorme tanto mais que este volume de correspondência é extraordinariamente elevado. Por isso sinto que não estou isolada, antes pelo contrário, que estou apoiada onde a vida está, isto é na população, no seu dia a dia e nas suas preocupações reais.

Fundação Cuidar o Futuro

*Pergunta* - Vou pegar nas suas palavras, Senhora Primeiro Ministro, para lhe pôr a seguinte questão. Falou em populações, nos problemas reais, nos problemas do dia a dia. Uma das acusações que têm sido feitas, ...., aos governos portugueses é o seu afastamento das populações, o de se encerrar quase em de vidro, por acaso não as paredes transparentes. Gostaria de lhe perguntar se está nas suas intenções, das intenções do seu governo fazer alguma coisa para sair de Lisboa, da centralização e ir ao país?

~~Queria~~  
~~eu vou~~ responder com duas afirmações.

A primeira : sem dúvida, espero começar esta semana. A minha intenção não é a de uma visita apenas de boa vontade, é intenção de visita de trabalho e de colaboração com as populações e os seus legítimos representantes, naturalmente podendo eu fazer-me acompanhar dos outros membros do governo que têm alguma coisa a dizer e a decidir sobre os problemas concretos das regiões onde vamos trabalhar. Portanto isso é uma decisão que apenas não foi ainda efectuada por dificuldades que, como sabe, o governo teve de defrontar e que me preocuparam, me trouxeram a mim tão preocupada que me enserei, por assim dizer, nas quatro paredes desta casa .

Na primeira semana imediatamente após a aprovação do governo, tivemos o grande problema que foi a greve dos médicos e sobre mim pesou a enorme responsabilidade de salvaguardar a saúde e a vida dos portugueses . Portanto saber que era preciso, de alguma maneira, resolver este problema moral, que não era um problema tecnico, não era um problema político , era para mim antes de mais um problema moral de garantir que aos portugueses fossem dados os cuidados de saúde necessários e isso significou uma serie de dias e de noites de trabalho contínuo para poder, de algum modo, obviar às questões que se iam levantado.

Entretanto e logo a seguir, como encadeado que também me prendeu a esta casa e me impediu a saída para fora de Lisboa pôs-se o chamado inevitável aumento de preços e isso trouxe-me tão preocupada, de tal maneira tão angustiada comigo mesma para encontrar uma solução que não fosse uma solução de agravamento desmedido para os portugueses, sobretudo para àqueles que têm menos posse e menos possibilidades que fizemos, como viu três conselhos de Ministros seguidos só sobre esta questão a tentar encontrar soluções que minorasse os aumentos . Essas foram as razões porque durante estas três semanas ainda não pode deixar S. Bento. Mas